

O espaço nas igrejas dos conventos das clarissas da Província dos Algarves

Teresa Valente
Universidade do Algarve

O Sentido da Investigação – A Formulação Teórica do Problema

O reconhecimento da importância do estudo de tipologias na história da arte e, mais especificamente, na história da arquitectura¹, enquadra investigações como a presente, sobretudo quando se pretende ultrapassar o critério monográfico e desenvolver uma pesquisa factual de cariz experimentalista, com enfoque nas tipologias como instrumento funcional de trabalho, de forma a entender como foram verificadas ou não, lógicas de construção².

Neste pressuposto, seleccionámos as igrejas de conventos femininos - o objecto - da Ordem de Santa Clara - o cliente e o programa - da Província dos Algarves - o contexto geográfico mais especificamente, os conventos³ de: N^a S^a da Conceição em Beja, Jesus em Setúbal e, Madre de Deus em Xabregas - que denominámos de, *antecedentes* ou pré-existentes, por terem sido integrados na *Província dos Algarves* à data da sua criação; Chagas em Vila Viçosa; N^a S^a da Assunção em Faro; N^a S^a da Esperança em Vila Viçosa; St^a Helena do Monte do Calvário em Évora; N^a S^a de Aracoeli em Alcácer do Sal; N^a S^a da Quietação ou Flamengas em Alcântara; e, Servas de N^a S^a em Borba - com igrejas concluídas após a criação da *Província dos Algarves*.

¹ *A tipologia como a forma mais própria da história da arquitectura e da cidade (...) sobretudo se tivermos em conta de que (...) a arquitectura é a arte da repetição. Por compreensíveis razões de economia, uma construção é caracterizada pelo emprego de elementos em série, particularidade estrutural que se transforma em factor expressivo.* Franco PURINI, *Compor a Arquitectura*, 2009, pp. 42 e 121

² *Toda a investigação histórica delimita um campo próprio, isto é, caracteriza e analisa grupos de fenómenos que, estando ligados entre si, formam um sistema de relações (...)* Giulio Carlo ARGAN e Maurizio FAGIOLLO, *Guia de História da Arte*, 1994, p. 31

³ Dos 19 conventos referidos por Frei Fernando Felix Lopes, não foram considerados:

- Sta Clara de Estremoz; Sta Clara de Beja e, S. João da Penitência de Estremoz, por estarem referidos como extintos;
- Sta Clara de Moura e Mártires de Sacavém, por se encontrarem completamente descaracterizados, dada a adaptação a infantário do primeiro e, a reconstrução total do segundo;
- Sta Clara de Évora, Sta Clara de Portalegre; Jesus de Monforte e Sta Clara de Elvas (N^a S^a da Conceição), por terem sido inicialmente pertencentes à Província dos Claustrais e, só muito mais tarde, integrados na *Província dos Algarves*.

Seleccionado o objecto tipológico do estudo, partimos para uma pesquisa incidente nas datas de conclusão das igrejas e, na existência de alguma conjuntura específica relativa a autor e patrocinador, para cada uma delas. O motivo? Poder organizar cronologicamente os exemplares, de forma a enquadrá-los nas conjunturas artísticas vigentes e, dentro delas, especificamente na genialidade de algum autor e/ou mecenas, verificando por último, como foram evoluindo, ao longo do tempo.

Como objectivo final estava o entendimento do que havia determinado o aparecimento de soluções compositivas por si só, testemunhos da presença de uma produção de obras de série decorrentes de programas específicos e/ou, excepcionalmente, de peças exemplares únicas, onde a evidencia de conjunturas de autor e patrocinador, o justificaram.

Conscientes assim, da improbabilidade de encontrar neste conjunto, essa peça exemplar única – a obra-prima – dada, a contenção e as regras restritas do cliente⁴ bem como, a forma eficaz e pouco exuberante que caracteriza a arquitectura portuguesa, orientámos a nossa pesquisa sobretudo, na procura da solução compositiva matriz – a tipologia - decodificada nos elementos que identificámos como fundamentais ao seu estabelecimento.

Não querendo interpretar os factos de outrora à semelhança dos de hoje, por considerarmos correr o risco de perder indicações fundamentais⁵, optámos por uma leitura directa do objecto-igreja, relativamente a:

- relação que estabelece com o convento, a cidade e, os espaços que a constituem, a que denominámos - leitura urbano-morfológica;
- desenvolvimento do próprio espaço, feito a partir de matrizes geométricas⁶ (três dimensões, dos três espaços componentes e

⁴ Como qualquer ordem religiosa, a Ordem de Sta Clara apresentava igualmente, regras austeras ao nível da linguagem, do programa e dos custos.

⁵ Para uma investigação deste tipo torna-se necessário explorar o passado com a mínima bagagem metodológica: não nos esforçamos por fazer encaixar o raciocínio em esquemas metodológicos preestabelecidos, mas sim, adoptar a metodologia ao raciocínio e tratar de descobrir nos factos as indicações gerais que os mesmos factos contêm virtualmente. Leonardo BENEVOLO, *Historia de la Arquitectura Moderna*, 1999, p.13

⁶ Una de las posibles claves de lectura está representada por la búsqueda de las matrices geométricas que subyacen en la construcción. El análisis formal permite, en efecto, comprender el sistema adoptado para modular los diversos elementos, y encontrar y entender las reglas compositivas sobre

respectiva proporcionalidade), construtivas e sensoriais (a “caixa”, a “tampa” e os respectivos elementos separadores), a que denominámos - leitura quantitativa e qualitativa.

Foram estes os meios auxiliares da nossa investigação, os quais devidamente fundamentados por alguns conceitos indissociáveis dos processos de concepção – a regra, o modelo e o tipo - nos permitiram produzir alguma reflexão e assim, contribuir para o entendimento do que poderá ter estado na base da concepção destes espaços.

Os conventos femininos da ordem de Santa Clara, anteriores à criação da Província dos Algarves Os Antecedentes

Dos Conventos

Convento de Nossa Senhora da Conceição em Beja

A maioria das fontes consultadas são unânimes na apresentação da data de 1459, para a fundação deste convento, em simultâneo com o início da sua construção.

Já relativamente à igreja e, não sendo possível identificar uma data para a sua conclusão, foi considerada a data de 1473, apresentada por Vieira da Silva⁷ e por Paulo Pereira, para o templo pronto⁸, em detrimento das de 1490⁹ ou entre 1491 e 1495¹⁰, para a construção da abóbada da capela-mor.

las cuales se ha planteado la construcción. cfr. Caterina PALESTINI, *Las investigaciones sobre las proporciones para el control formal de la arquitectura*, 2000, p. 771

⁷ (...) *Entre 1459 e 1473 (ou até antes) se deve colocar, portanto, a construção da igreja do convento da Conceição de Beja.* cfr. José Custódio VIEIRA DA SILVA, *O tardo-gótico em Portugal – a arquitectura no Alentejo*, 1989, p. 52

⁸ *As obras terão sido iniciadas em 1459 – ano da fundação – tendo-se estendido até 1473, data em que se documenta a chegada das religiosas, não sem que a intervenção de D. João II e de D. Manuel tenha sido depois necessária para o financiamento do resto do Convento, embora o templo já estivesse pronto.* cfr. Paulo PEREIRA, *Do “modo” gótico ao manuelino (sec XV-XVI) – as grandes edificações*, 1995b, p. 31.

⁹ Túlio Espanca indica ter conhecimento de uma factura da década de 1490, que confirma a execução desta abóbada. Túlio ESPANCA, *Distritos de Beja, Concelhos de Alvito, Beja, Cuba, Ferreira do Alentejo e Vidigueira*, 1992, p. 187

¹⁰ Leonel BORRELA, *Beja – Real Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição*, 1986, p. 208

Embora ocultada pela talha colocada em 1696, a capela-mor, encontra-se coberta por uma abóbada de nervuras, de dois tramos assentes em arcos torais e cruzaria de ogivas, formando estrelas de seis pontas, em cada tramo¹¹. Trata-se de um módulo igual ao que encontramos na nave da igreja matriz do Vimieiro e, muito idêntico aos da capela-mor da igreja de S. Francisco em Évora, capela do Esporão da Sé de Évora, nave de S. Bento de Castris e, capela-mor das Chagas de Vila Viçosa, primeiro exemplar da Ordem de Santa Clara, a surgir após a criação da Província dos Algarves¹², já integrando assim o universo do nosso estudo.

De nave única coberta por abóbada de berço, que poderá ter sucedido a uma cobertura em madeira¹³, tem evidentes intervenções que prejudicam uma leitura do espaço inicial em especial, das suas proporções, nomeadamente a intervenção que contemplou a remoção dos dois coros sobrepostos que ocupavam parte da actual nave¹⁴.

Sabe-se no entanto, que estes coros já não eram os de origem, uma vez que há referência a duas intervenções que os alteraram significativamente: a primeira, em 1632, que terá destruído o primitivo ante-coro do tempo de D. Manuel, embora mantendo as suas dimensões originais e, a segunda, em 1892, decorrente da mutilação feita pela transformação em galeria capitular para adaptação a Sé, que o descaracterizou por completo¹⁵. Actualmente visualiza-se apenas a abóbada de berço abatida do coro-baixo e, uma abóbada indefinida no coro alto.

De patrocínio real e com forte intervenção deste, apesar de se desconhecer o autor¹⁶, constitui-se como tipologia de referência no tocante a igreja de nave única com testeira recta na capela-mor¹⁷.

¹¹ *uma das primeiras experiências no género no Sul do País...* Paulo PEREIRA, ob. cit., 1995b, p. 31.

¹² Embora idênticos todos estes casos se referem a estrelas de oito pontas e não de seis como o nosso exemplo.

¹³ Paulo PEREIRA, ob. cit. 1995b, p.31.

¹⁴ Isabel MENDONÇA, IHRU, Ficha IPA nº PT 040205110004.

¹⁵ Só neste contexto entenderemos Paulo Varela Gomes quando atribui a Jesus de Setúbal o início dos coros duplos. Paulo VARELA GOMES, *Igrejas dos Conventos de Freiras na Arquitectura Portuguesa*, 1993-1996, p. 76

¹⁶ Como único autor referenciado a esta construção temos João de Arruda, ligado apenas à *inspecção das obras do claustro* Isabel MENDONÇA, ob. cit., e, Túlio SPANCA, ob. cit. 1992.

¹⁷ *No que respeita à Conceição de Beja, convém assinalar, para além da consagração da tipologia de uma igreja de nave única num edifício de patrocínio importante, o uso de testeira recta na capela-mor, bem como a aplicação de nervuras de aresta chanfrada no corpo do claustro (...)* cfr. Paulo PEREIRA, ob. cit. 1995b, p. 32.

Convento de Jesus em Setúbal

Fundado a partir de uma licença papal de 1489, logo em 1491¹⁸ viu a concepção da sua igreja alterada, quando D. João II encarrega Boitaca de construir uma igreja com maiores proporções do que a inicialmente prevista.

Apesar de ser provável que a obra estivesse já francamente adiantada em 1494 e que a ousia estivesse concluída (pese embora opiniões que datam o abobadamento de 1508¹⁹), subscreve-se a data de 1496, apresentada por José Custódio Vieira da Silva²⁰ para a conclusão da igreja, após intervenção de D. Manuel que, em 1495, altera de uma para três, as naves da igreja, mandando pôr-lhe abóbada e não simples cobertura de madeira, como constava do projecto inicial²¹.

Capela-mor com testeira facetada, de pavimento sobrelevado face ao resto da igreja, apresenta um tramo e meio, com abóbadas de nervuras estreladas, descarregando sobre mísulas. Apesar do posterior revestimento azulejar e, mais tarde, das obras realizadas pela Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais em 1947²², este espaço mantém as suas características e proporcionalidade.

O mesmo acontece com a igreja de fora, constituída por três naves de três tramos e meio, separadas por seis colunas torsas. A nave central é coberta por abóbada de arestas em ogiva e as naves laterais cobertas por abóbadas de meio berço, marcadas por arcos torais.

Não tendo sido possível o acesso aos coros sabe-se no entanto, que o coro baixo é coberto por abóbada de berço abatida e, o coro alto, com três tramos e três naves, é coberto por abóbada de berço.

Trata-se igualmente de um exemplar de patrocínio real e, com forte intervenção deste, onde é evidente a presença de um arquitecto – Diogo Boitaca –

¹⁸ Uma chamada de atenção para o facto desta ser a data aproximada para a referenciada para a construção da abóbada da capela-mor de Beja por Paulo PEREIRA e Leonel BORRELA.

¹⁹ Paulo PEREIRA, ob. cit. 1995b, p. 48.

²⁰ José Custódio VIEIRA DA SILVA, *Para a história da igreja e convento de Jesus de Setúbal II*, 1985, p. 11.

²¹ *Ibidem*, idem

²² Para a capela-mor foram realizados os trabalhos de XIV- *Reconstituição na capela-mor, das vias de acesso à cripta, de acordo com os vestígios da primitiva obra*; XV – *Construção de novos altares para as naves e capela-mor, e reposição, neste último, do primitivo sacrário, encontrado na parede de uma dependência do hospital. (...) XVII – Construção e assentamento de uma teia de bronze, para resguardo da capela-mor. (...) XIX – Revestimento complementar das paredes da capela-mor e baptistério, com azulejo igual ao existente.* cfr. Boletim da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, nº 47 *A Igreja do Mosteiro de Jesus de Setúbal*

responsável por uma das mais interessantes experiências espaciais do gótico final português (...) ²³ que poderá ter originado, em termos de tipologia, a primeira igreja-salão erguida em território português ²⁴, ou o primeiro caso de coro alto sobre a (porta axial ou sobre a) frente poente das igrejas conventuais ²⁵, isto é, se se aceitar a premissa de que a igreja de N^{ra} S^a da Conceição em Beja, inicialmente, não apresentava coro duplo.

Convento da Madre de Deus em Xabregas

No âmbito dos conventos estudados, o da Madre de Deus de Xabregas é aquele que, pelas sucessivas intervenções de que foi alvo, mais se distancia da peça original sendo, portanto, o que apresenta maior dificuldade de análise.

Fundado por patrocínio real ²⁶ em 1508, o convento nasce da ocupação prévia, em 1509, de humas casas tão nobres, (...) que alli mandou fazer Alvaro Cunha, compradas pela Rainha, em conjunto (...) com as hortas, que lhe pertenciam, chamadas da Concha (...) ²⁷. A estas casas se agregou a primeira igreja, cuja construção se iniciou logo no mesmo ano.

É Frei Jerónimo de Belém quem cita na sua crónica, o facto da estrutura da igreja que hoje existe, se referir a uma segunda, já com o patrocínio de D. João III, uma vez que a primeira havia sido transformada em Sala do Capítulo ²⁸.

No entanto, há outra indicação, que pode pôr em causa esta. Trata-se do facto de se encontrar ilustrado nas tábuas do Retábulo de Santa Auta – Chegada das Relíquias a Lisboa – um portal, que terá servido de modelo ao actual, restaurado em 1872 pelo Arqt^o José Nepomuceno ²⁹. Assim sendo, a igreja estaria concluída antes de 1520 (data do retábulo) e, sendo o portal o mesmo, a igreja também teria de ser a mesma.

Neste caso, em que a conclusão da igreja seria anterior à data da criação da Província dos Algarves, ela poderia ser estudada enquanto um antecedente às

²³ Paulo PEREIRA, ob. cit. 1995b, p. 49.

²⁴ Ibidem

²⁵ Paulo VARELA GOMES, ob. cit. 1993-1996, p. 76

²⁶ Rainha D. Leonor, mulher de D. João II

²⁷ Frei Jerónimo de BELÉM, *Chronica Seráfica da Santa Província dos Algarves da Real Observância, T III, Livro XIII, Origem, fundação e progressos do Real Mosteiro da Madre de Deos de Xabregas, 1750-1758*, p. 2

²⁸ Ibidem, p. 50

²⁹ Na intervenção deste arquitecto, o pórtico setecentista foi substituído pela réplica do representado no retábulo de Santa Auta, a fachada foi alteada e foram-lhe abertas uma série de janelas, entre outras intervenções.

igrejas desta Província, doutra forma, aquilo que nos chega até hoje é o somatório de profundas intervenções que poderão ter sido iniciadas, segundo Rafael Moreira, por Diogo de Torralva, a partir de 1551, data da renovação por completo da claustro e cabeceira em cruz grega³⁰ da igreja.

De referir ainda que, a igreja foi igualmente alvo de outras campanhas que a transformaram significativamente, como as realizadas no reinado de D. José após o incêndio de 1754 e, as decorrentes da transformação do convento em asilo D. Maria Pia, da responsabilidade do Arqto José Nepomuceno, já em 1872.

Neste contexto, a igreja da Madre de Deus surge apenas como uma referência ao conjunto das igrejas que antecedem a Província dos Algarves, tendo tido um papel diminuto na pesquisa de elementos que se constituem como modelos ou tipos a seguir.

Dos aspectos-base na definição de um pré-modelo ou de um tipo

Num universo tão pequeno como este, três exemplares apenas, para além de questões de carácter genérico³¹, é notória a dificuldade em encontrar aspectos tipológicos que constituam “corpo” para uma eventual tese.

Assim, e relativamente às questões urbano-morfológicas arriscaríamos dizer que encontramos alguma intencionalidade, ao nível da localização e definição de orientação geográfica na orientação das cabeceiras, a nascente e, nenhuma, ao nível da articulação da igreja com o convento.

Já no que se refere à relação dos espaços entre si e, apesar de não apresentarem uma intencionalidade evidente na solução formal para cada uma das igrejas³², esboçam sim uma organização entre os espaços que as constituem³³, que irá ser mantida.

³⁰ Rafael MOREIRA, *Arquitectura: Renascimento e classicismo*, 1995, p. 352.

³¹ *Igreja de nave única (...) com testeira recta na capela-mor* para N^a S^a da Conceição de Beja (Paulo PEREIRA ob. cit. 1995b, p. 32); *primeira igreja-salão erguida em território português* ou, *o primeiro caso de coro alto sobre (...) frente poente das igrejas conventuais*, para Jesus de Setúbal (Paulo PEREIRA ob. cit. 1995b, p. 49 e, Paulo VARELA GOMES ob. cit. 1993-1996, p. 76) e; *Igreja de cabeceira em cruz grega* para a Madre de Deus de Xabregas (Rafael MOREIRA, ob. cit. nota 68 p. 352).

³² Capelas-mor, de nível, em N^a S^a da Conceição de Beja; sobre cripta em Jesus de Setúbal; naves, únicas, em N^a S^a da Conceição de Beja e na Madre de Deus de Xabregas ou, triplas, em Jesus de Setúbal e; coros em cripta, em três tramos como em Jesus de Setúbal ou simples, porque já parcialmente destruídos como em N^a S^a da Conceição de Beja.

Analisemos agora, as questões de concepção do espaço a partir das matrizes que identificámos no âmbito do nosso estudo – geométricas; construtivas; sensoriais.

No tocante às dimensões (sobre-dimensionadas relativamente ao que se irá encontrar nos primeiros exemplos que se seguem à criação da Província dos Algarves), ressaltamos o facto de apresentarem dimensões muito próximas dos últimos exemplos que irão ser estudados (já surgidos no século XVII) e, praticamente as mesmas, entre eles. Aqui sim, poderemos crer estar perante uma intencionalidade/orientação no objecto a construir ou seja, tal poderá indiciar a utilização de algumas regras que, sofrendo alterações com o tempo, poderão vir a ser novamente, retomadas noutras alturas.

Na configuração dos espaços é evidente o recurso ao rectângulo sem no entanto, se encontrar qualquer princípio face à sua proporcionalidade. Terá de se esperar até ao século XVI, onde a aprendizagem da arquitectura clássica introduzirá um maior rigor no exercício da concepção/construção.

A homogeneidade da forma utilizada para a solução dos diferentes espaços não se verifica nas soluções construtivas adoptadas. Encontramos assim, duas soluções para a cobertura das capelas-mores - abóbadas nervuradas (N^a S^a da Conceição em Beja e Jesus em Setúbal) e, cúpula, apesar de extemporânea (Madre de Deus em Xabregas³⁴). No que concerne às naves, exceptuando a abóbada em três tramos (ou, abóbada central de arestas e abóbadas laterais de meio berço de Jesus em Setúbal) qualquer uma das abóbadas de berço, não é representativa, dado igualmente, poder não se tratar da solução inicial.

No tocante à forma de encerramento dos espaços constituintes destas igrejas, - aquilo que ao longo deste trabalho vai sendo denominado de, “caixa” e “tampa”, - a dificuldade em encontrar regras ou intencionalidades poderá não ser tão evidente quanto à partida se nos afigurou. Referimo-nos concretamente à utilização de uma “caixa” única (embora com uma quebra de individualização da capela-mor), com duas “tampas” de alturas diferentes³⁵ (N^a S^a da Conceição de Beja e Madre de Deus de Xabregas), solução que encontrará alguma singularidade em Jesus de Setúbal, onde a individualização do corpo da capela-mor sendo evidente, vai originar

³³ Nave central, com capela mor na extremidade oposta a dois coros sobrepostos. Entrada sensivelmente a meio, no último tramo da nave, junto ao coro.

³⁴ Perfeitamente compreensível por se tratar de uma intervenção de remodelação da igreja, atribuída a Diogo de Torralva, já na segunda metade do XVI.

³⁵ Uma sobre o corpo da nave-coros e outra sobre o corpo da capela-mor

uma “caixa” dupla (constituída por dois volumes perfeitamente distintos, na forma, volume, altura e material), com duas “tampas” igualmente distintas. A acrescentar apenas o facto de, em ambos os casos, encontrarmos um corpo único e praticamente indistinto para a nave e coros.

Por fim, uma referência a um outro aspecto que se poderá constituir como vocabulário desta linguagem - o conjunto de características identificadas como aspectos compositivos das fachadas – nomeadamente:

- a marcação central do corpo da nave/coros com uma porta;
- a separação do corpo da capela-mor da restante construção;
- a utilização de contrafortes,
- e o tipo de vãos integrantes da fachada (únicos e intencionalmente trabalhados nos casos da capela-mor e nave e, frestas no caso dos coros)

Os conventos femininos da Ordem de Santa Clara posteriores à criação da Província dos Algarves

Convento das Chagas de Cristo em Vila Viçosa

Todas as fontes consultadas³⁶ referem a dependência deste convento da *Província dos Algarves* pelo que a sua real ocupação e vivência como convento só pode ter surgido a partir de 1532-33, data da criação e oficialização desta Província.

A data de 1514 apresentada sempre como a da fundação, deverá encontrar-se justificada por uma ocupação inicial feita por freiras agostinhas, que se terão instalado num espaço precário e ainda não conventual. A sua construção e verdadeira ocupação por clarissas, que vigoram como sendo as da entrada das primeiras freiras vindas do mosteiro de Beja, foi feita a partir das datas de 1533³⁷ ou de 1535³⁸.

³⁶ Exceptua-se Joaquim Caetano que faz depender o Convento das Chagas da Província da Piedade - Joaquim de Oliveira CAETANO, *A fundação do Convento das Chagas*, 1997, pp.44 e 45.

³⁷ Joaquim Caetano recorre ao Padre Joaquim José da Rocha Espanca no seu *Compêndio de Memórias de Vila Viçosa*, Redondo, 1892, para apresentar esta data. *Entraram nos mosteiros as clarissas vindas da Conceição de Beja numa quarta feira de cinzas, 25 de Fevereiro de 1533, sendo a primeira abadessa a irmã da duquesa viúva Dona Joana* - Ibidem

³⁸ Data referida por Tulio Espanca, (...) *foi entregue à ordem de Santa Clara, e a vida claustral começou com oito religiosas lóias deslocadas do mosteiro de Beja, no dia 25 de Fevereiro de 1535, quarta-feira de cinza (sendo já morto o instituidor), sob protecção da duquesa viúva D. Joana de Mendonça e do enteado herdeiro, D. Teodósio I.* cfr. Tulio ESPANCA, *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora, Concelho de Vila Viçosa*, 1978, p. 552.

Relativamente à construção do convento e mais concretamente da sua igreja, é Joaquim Caetano quem apresenta a data de **1536** inserida no retábulo, como sendo a da **conclusão da igreja**, mas não de todas as dependências conventuais³⁹.

Patrocinada pela Casa de Bragança⁴⁰ são no entanto, desconhecidos, os arquitectos que nela trabalharam, encontrando-se apenas uma atribuição da autoria do claustro à figura de Miguel de Arruda⁴¹, probabilidade não comprovada até à data.

Com uma estrutura tardo-gótica marcada apenas, pelas abóbadas⁴² a igreja vai apresentar novas soluções, relativamente aos *antecedentes*, iniciando um ciclo de capelas-mores de forma quadrangular e uma nova proporcionalidade verificada na redução das dimensões, deduzidas a partir da utilização dos *30 palmos* na largura⁴³.

³⁹ É provável até que, dada a data da pintura que conhecemos, a igreja estivesse pronta nesse ano, mas não, por certo as dependências conventuais cfr. Joaquim de Oliveira CAETANO, ob. cit. 1997, p. 46.

⁴⁰ D. Teodósio I, 5º Duque de Bragança, após a morte em 1532 de D. Jaime, 4º Duque de Bragança

⁴¹ Tulio ESPANCA, ob. cit. 1978, p. 552.

⁴² Referimos apenas às abobadas visto o resto da construção apresentar já elementos de linguagens distintas como são exemplo: o portal, os remates do edifício onde não há lugar a platibandas rendilhadas; o arco triunfal e toda uma estrutura de tramos interiores já à *romana*. O *tardo-gótico* é essencialmente ao nível das abóbadas - capela-mor com abóbada nervurada, formando uma estrela de oito pontas; e nave com abóbada nervurada, formando uma dupla estrela de quatro pontas. A do coro-baixo - abóbada de arestas, formando um conjunto de quatro abóbadas assentes sobre coluna central - é já de cariz renascentista. Uma nota ainda para um elemento que consideramos de transição - a janela da nave.

⁴³ Na variada documentação que consultámos, há uma referência muito generalizada ao valor-padrão de 30 palmos, sobretudo para a largura de lotes. *Quanto à medida de 30 palmos, definida no regimento de construção para as maiores peças de madeira - vigas e pontões - encontramos-lo na largura do lote da estrutura base do Bairro Alto, facto referido em diversos estudos e inquéritos realizados sobre este bairro.* cfr. Helder CARITA, *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1521)*, 1999, p.184. e, *Apesar de todas as transformações posteriores que sofreu, na malha inicial é ainda hoje possível detectar grande percentagem de lotes com uma medida de frente de cerca de 6,5m e uma profundidade, mais variável entre 12 e 14 metros. Estas aproximam-se da antiga medida camarária de chão de 60 palmos de comprido por 30 de largura, que corresponde sensivelmente a 6,75 x 13,5.* cfr. Helder CARITA, ob. cit. 1992, p. 111.

É também Mercedes Perez del Prado quem identifica, a dimensão de 30 pés como a largura mais comum existente no universo por ela estudado - ... *El grupo más numeroso tiene treinta pies de anchura....* cfr. Mercedes PEREZ DEL PRADO, *La Iglesia Mínima, El espacio en los templos de las clausuras conventuales sevillanas*, 2000, p. 45.

Não esquecer que o valor do pé utilizado nesse estudo foi o de 0,278 m (1/3 da vara castelhana, cuja equivalência ao Sistema Métrico Decimal é de 0,835 m) muito próximo do valor utilizado no nosso estudo 0,2166 m.

Outros elementos formais relativos à composição da fachada, que vêm romper com os exemplos antecedentes são, os remates superiores, em cornija (abandonando-se qualquer platibanda rendilhada⁴⁴) e o portal, que neste caso é o primeiro desta série a apresentar elementos de linguagem clássica, sem qualquer vestígio tardo-gótico. Como permanências, registam-se apenas a marcação de dois contrafortes que ladeiam o portal (solução que, no nosso universo de estudo, só voltará a ser adoptada em St^a Helena do Monte do Calvário) e a janela da nave, *de transição* face à dualidade que apresenta entre a sua forma (vão em silharia, de ombreira em cunha e verga recta) e a linguagem decorativa (ladeado por duas pilastras rectas, assentes sobre mísulas e rematadas pela cornija que encerra o vão).

Convento de Nossa Senhora da Assunção em Faro

À semelhança da maioria dos conventos estudados, a data de 1519, também se refere à intencionalidade de uma fundação, neste caso respeitante a duas irmãs de Beja que, tendo vendido os seus bens se deslocaram para Faro para aí, com a autorização e o patrocínio *da donatária da vila de Faro, a Rainha D. Leonor, irmã de D. Manuel I*⁴⁵, fundarem um convento.

Segundo Frei Jerónimo de Belém⁴⁶, desta fundação até à efectiva construção do edifício nomeadamente, da sua igreja, são necessários vinte e dois anos, apresentando assim, a data de 1541 como a da conclusão da obra e entrada das primeiras freiras, vindas do convento da Madre de Deus⁴⁷.

É o mesmo autor que referencia o facto de, quando D. Catarina, (mulher de D. João III) toma conta da obra, a construção *apenas contava hum dormitório mal acabado, e huma igreja imperfeita*⁴⁸. Desconhecendo a data exacta, podemos no entanto ter em conta que, só a partir de 1525, ano do seu casamento com D. João

⁴⁴ Oriunda da Batalha, a platibanda rendilhada é introduzida pontualmente por patrocinadores possuidores de grande riqueza.

⁴⁵ Dália PAULO, *Fábrica da Cerveja Portugália e Convento de Freiras, Estudo dos edifícios e projecto de adaptação a museu*, 2006, p.152

⁴⁶ (...) *vendo-se na posse da mayor ventura, depois de huma dilatada esperança de vinte e três annos, não completos, que tantos vão da era de 1519 até 1541(...)* cfr. Frei Jerónimo de BELÉM, ob. cit. 1750-1758, Vol IV p. 356

⁴⁷ (...) *Concluída toda a fabrica, com grandes despezas da Rainha Fundadora, cuidou logo em formalizar o seu Mosteiro com mestras, que ensinassem, e instruissem as suas primeiras plantas na vida religiosa, e santos costumes da Ordem Primeira de Santa Clara, tanto mais apertada quanto mais perfeita. Para este fim conseguiu do Reverendissimo Fr. João Calvo, Ministro Geral de toda a Ordem Seráfica, que naquele tempo se achava neste Reyno, viesse em pessoa tomar posse deste Mosteiro, e lhe desse fundadoras do da Madre de Deos de Lisboa (...)* Ibidem p. 354

⁴⁸ Ibidem, idem

III, se retomariam os trabalhos, confirmando assim que se trata de um patrocínio real, onde a participação de vários arquitectos/mestres pedreiros, não identifica nenhuma autoria específica para a igreja.⁴⁹

Por seu lado Horta Correia, refere 1548 como a da conclusão da primeira grande campanha de construção de todo o edifício, indicando a inscrição no portal, **1539**, como a provável para a **conclusão da igreja**⁵⁰ e, é esta data que servirá de referência ao nosso estudo.

Sobre a estrutura que até nós chegou, importa reter que sofreu grandes destruições em três circunstâncias: incêndio provocado pelos ingleses no ano de 1596⁵¹; terramoto de 1755⁵² e; obras de adaptação a Museu, entre 1964 e 1970.

Só assim são compreensíveis algumas soluções existentes, como: o arco triunfal; os tramos da nave; a cúpula sobre tambor da capela-mor e, as lajes de betão existentes no coro alto e na abóbada de berço da nave. É neste sentido que a actual estrutura não sugere sequer integrar soluções originais, tendo sido no âmbito deste estudo, apenas uma referência ao nível do espaço interior, ou seja à sua “caixa” sem “tampa”⁵³.

Embora acreditando que possa ter tido uma solução para as coberturas idêntica à das Chagas - abóbada nervurada para a capela-mor e nave, na realidade, este segundo exemplar⁵⁴ traz apenas como apontamentos tardo-góticos, a janela da

⁴⁹ Patrocinado pela Rainha D. Catarina, mulher de D. João III, teve na sua construção, a participação, como arquitectos/mestres pedreiros; Afonso Pires; Gonçalo Torres e, Diogo Pires.

⁵⁰ *Para além de 1527, provável ano do início da campanha, “1539” é a data registada em cartela na porta exterior da igreja e sabe-se que em 1542 Afonso Pires era mestre das suas obras, tendo mesmo enviado à rainha um pedreiro com o “debuxo e informações das obras”... Em 1544 D. Catarina concedeu às freiras a sua costumada esmola e “1545” é a data inscrita na porta do dormitório no piso superior do claustro. Este estava já totalmente concluído, tal como a sacristia e todas as obras de carpintaria do mosteiro, quando em 1548 foi integrado na clausura... Em 1550 esta campanha foi dada por terminada, fechando-se as contas com “Gaspar de Torres que foi mestre das ditas obras”, por toda a obra de pedraria e alvenaria concluída... Mas mesmo depois desta data fora iniciada nova campanha de obras de que há notícias relativas a donativos de 1552 e 1555, talvez já com o novo mestre Diogo Pires que em 1561 é referenciado como mestre as obras do convento....* cfr. José Eduardo HORTA CORREIA, *A Arquitectura Religiosa do Algarve de 1520 a 1600*, 1987, pp. 34-39.

⁵¹ Segundo Frei Jerónimo de Belém (...) em cujos incêndios padeceu o nosso mosteiro o maior estrago, ficando quasi todo reduzido a cinzas (...) cfr. Frei Jerónimo de BELÉM, ob. cit. 1750, p. 361

⁵² Dália Paulo, citando “Relaçam do terramoto do primeiro de Novembro do anno de 1755” (...) o magestozo Convento das Religiosas Capuchas (...) experimental fatal estrago nas suas officinas, com morte de três religioszs (...) cfr. Dália PAULO, ob. cit. 2006.

⁵³ Estando em fase de conclusão uma tese de mestrado sobre o Convento de N^a S^a da Assunção de Faro, pela autora, Dália Paulo, aguardaremos por esse estudo para uma melhor compreensão deste imóvel.

⁵⁴ Cronologicamente por nós ordenado.

nave e a porta de ligação ao coro-baixo, ficando a este nível, poucas analogias para estabelecer com os anteriores exemplos.

De salientar, no entanto, a permanência de uma nova forma e proporcionalidade dos espaços e, de uma simplificação na linguagem da fachada, já iniciadas nas Chagas de Vila Viçosa.

Convento de Nossa Senhora da Esperança em Vila Viçosa

Patrocinada pela Casa de Bragança⁵⁵, para a conclusão da igreja e conseqüentemente como referência para o presente estudo, considerou-se o período entre **1558**, data apresentada por Túlio Espanca para a execução do portal⁵⁶ e **1570**, referida pelo mesmo autor para a conclusão das obras⁵⁷.

Mantendo o mesmo padrão dos exemplos anteriores – forma e largura -, esta igreja destaca-se ligeiramente, pela alteração da sua proporcionalidade derivada do aumento das outras dimensões, nomeadamente da altura e do comprimento da capela-mor e da nave, neste caso em detrimento do coro.

No tocante a algumas soluções formais verifica-se a manutenção das já registadas nas igrejas anteriores⁵⁸, ao nível da:

- configuração dos tramos da nave, onde à semelhança das Chagas igualmente se regista apenas a abertura de altares laterais contidos sobre arcos cantaria de feição clássica e os meios arcos que descarregam na parede do arco triunfal;
- arco triunfal, onde encontramos um vão contido e de pequenas dimensões face à largura existente;
- configuração da capela-mor com o espaço subdividido por plataforma acessível por quatro degraus centrais.

Em termos de soluções construtivas importa reter que é o exemplar que introduz a cúpula sobre trompas na capela mor e, a abóbada em barrete de clérigo com zona central plana, no coro-baixo.

Apesar da exuberância dos revestimentos resultantes de campanhas posteriores trata-se, na globalidade, de um exemplo de grande contenção, marcado

⁵⁵ Duquesa de Bragança, D. Isabel de Lencastre, mulher de D. Teodósio I. Seguiu-a, após a morte, D. Teodósio II

⁵⁶ Túlio ESPANCA, ob. cit. 1978, p. 574

⁵⁷ Ibidem, p. 570

⁵⁸ Aqui referimo-nos concretamente às Chagas de Vila Viçosa, face às grandes alterações sofridas na de N^a S^a da Assunção de Faro.

pela austeridade apresentada no desenvolvimento do espaço interior e da fachada que, talvez por ser o único caso que não confronta com nenhum espaço público, é completamente despojada, integrando apenas um vão simples para a nave e o portal.

Convento de Santa Helena do Monte do Calvário em Évora

As fontes consultadas, dão-nos uma cronologia de 1574/77 para a edificação do convento, referindo uma delas ⁵⁹, algumas datas mais específicas, tais como: 1565 para a carta de fundação, doação da ermida e de terrenos; 1569 para os primeiros estudos; 1570 para a entrega da direcção da obra e do início do projecto a Afonso Álvares; sendo 1574 a data da inauguração e, por fim, a de 1577 (data da morte da infanta D. Maria), para a conclusão da obra. Neste contexto, no âmbito do nosso estudo foi, assim, considerado este intervalo entre as duas datas apontadas – **1574-1577**, como data para a **conclusão da igreja**.

Embora partindo de um conjunto de casas e terrenos doados⁶⁰, o resultado obtido é o exemplar mais erudito do universo estudado, onde é evidente o efeito do binómio, patrocinador-autor isto é, Casa e Arquitecto Real⁶¹.

A criação de uma nova espacialidade através da introdução de: uma nova dimensão e de um novo sistema de cobertura para a capela-mor⁶²; uma visualização total do espaço em direcção ao altar-mor⁶³, este sobre-elevado em relação aos anteriores exemplos; uma métrica marcadamente conseguida pela introdução de pilastras no corpo da nave e; um rigor na modulação da nave que permite localizar a porta principal; são os principais factores que sobressaem desta peça arquitectónica.

⁵⁹ Túlio ESPANCA, ob. cit. 1978

⁶⁰ (...) *Foi fundadora desta casa religiosa a Infanta D. Maria de Portugal, filha do Rei D. Manuel e de D. Leonor de Áustria que, para o efeito, obteve do arcebispo D. João de Melo e Castro e a instâncias do seu tio cardeal regente D. Henrique, segundo diploma de 29 de Maio de 1565, a ermida de Vera Cruz, as casas de cura do donato franciscano fr. Domingos e terrenos anexos patrimoniais junto da muralha da porta da Lagoa.*(...) Ibidem, idem

⁶¹ Patrocinado pela Infanta D. Maria, filha de D. Manuel e de D. Leonor de Áustria, teve na sua construção, como arquitecto e mestre pedreiro, Afonso Álvares e Mateus Neto, respectivamente.

⁶² A capela-mor deixa de ser quadrangular e passa a ser coberta por uma abóbada de berço na continuidade da existente na nave, que vai substituir as abóbadas nervuradas sobre espaços quadrangulares e as cúpulas até então utilizadas.

⁶³ Com a abertura do vão do arco triunfal, praticamente reduzido ao elemento arco.

Mantendo um sistema de dimensões e uma proporcionalidade existente nos casos anteriores, é a peça arquitectónica que vai afirmar-se como ponto de viragem para as soluções que lhe seguirão - *exemplar charneira*.

Em termos de linguagens formais introduzidas no tratamento do exterior, retomamos uma referência de Paulo Varela Gomes quando apresenta este caso como a primeira *igreja de freiras com expressão exterior de igreja dupla ao modo moderno*⁶⁴, reservando-lhe o papel de modelo de composição para outros exemplares que se lhe seguiram, em especial Sta Clara-a-Nova de Coimbra⁶⁵.

Pensamos que deveria querer referir-se ao papel reservado à (re)introdução⁶⁶ de contrafortes enquanto solução métrica para a fachada, que evolui de uma solução simples, em Sta Helena do Monte do Calvário de Évora – um só corpo edificado, duas igrejas (de dentro e de fora), uma fachada única -, para outra mais elaborada, que se pretende assumir como a expressão arquitectónica da organização interna do edifício, como é o caso de St^a Clara-a-Nova de Coimbra – dois corpos edificados (da capela-mor e da nave/coro); duas igrejas (de dentro e de fora); três tipos de fachada (capela-mor; nave e coro).

Convento de Nossa Senhora de Arcoeli em Alcácer do Sal

As obras consultadas atribuem este convento a uma reformulação/ampliação de uma preexistência fundada por D. Sancho I, mas não indicam qualquer data.

Abel Viana⁶⁷ apresenta 1573, como a data para a sua fundação, mas é Vergílio Correia quem refere o início do XVII, para a conclusão da igreja⁶⁸. Para o nosso trabalho foi assim adoptada a data de **1600**, como uma referência e não como a data exacta para a construção da igreja, de patrocínio particular⁶⁹.

Dada a alteração da sua espacialidade, em especial da cobertura da nave e nos coros, decorrente da sua transformação em Pousada, trata-se de um exemplar onde só é possível afirmar que retoma a utilização da cúpula na capela mor e que

⁶⁴ Paulo VARELA GOMES, ob. cit. 1993-1996, p. 74.

⁶⁵ Datada da segunda metade de XVII, sob o projecto do arquitecto beneditino Frei João Turriano (act. 1629-53) Ibidem, p. 69

⁶⁶ Refiro reintrodução, pois o recurso a contrafortes como marcação de uma métrica exterior não é uma solução nova. Já havia sido utilizada em Jesus de Setúbal.

⁶⁷ Abel VIANA, *Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo*, 1948, p. 38

⁶⁸ (...) *Esse convento conheceu uma era de prosperidade no final do século XVI, e ainda no decurso do século XVII, datando do começo deste a forte igreja que lhe foi construída junto.* cfr. Vergílio CORREIA, *Esboço de uma monografia*, 1930, p. 40

⁶⁹ Patrocinado pelo fidalgo Rui Salema e D. Catarina Souto Maior, desconhece-se arquitecto ou mestre pedreiro.

proporcionalmente se apresenta muito próximo de N^a S^a da Esperança de Vila Viçosa.

Pela sua especificidade, duas questões são no entanto, de assinalar: a primeira, referente à solução adoptada para o revestimento das paredes da capela-mor – placas geometrizarantes de pedra de lioz intercalada com brecha da Arrábida – que não sendo muito comum, nos sugere uma outra, utilizada de forma mais erudita por António Rodrigues na Capela das Onze Mil Virgens do Convento de Santo António, também em Alcácer do Sal⁷⁰.

A segunda, relativa à fachada principal que, embora muito alterada, apresenta ainda uma platibanda rematada por “continuidades” de contrafortes⁷¹, à semelhança do que encontramos em St^a Clara a Nova de Coimbra⁷² e St^a Clara de Évora.

***Convento de Nossa Senhora da Quietação em Alcântara,
também denominado Flamengas de Alcântara***

Terá sido 1582, a data da chegada a Lisboa de um grupo de freiras fugidas às perseguições religiosas e políticas dos Países Baixos, cuja protecção real foi formalizada em 1586, através da autorização dada por Filipe I de Portugal, para a fundação em Alcântara, do convento que as iria albergar.

Como data provável para a conclusão da igreja surge 1588, por se tratar da data mais antiga inscrita numa sepultura existente. No entanto, a leitura de João Miguel Simões⁷³ permitiu-nos entender que a igreja, tal como actualmente se encontra, não deverá ser resultado desta primeira intervenção, sendo este autor que apresenta o horizonte temporal entre 1620 e 1630, para a reformulação total do convento inclusive da sua igreja, com base no facto de haver documentos que comprovam a autoria de Teodósio Frias, activo entre 1600 e 1634.

⁷⁰ Rafael Moreira apresenta duas datas para esta obra – 1557, na legenda da foto da pagina 355 e; 1565, no texto da pagina 356, do mesmo artigo. Rafael MOREIRA, ob. cit. 1995, pp. 355 e 356.

⁷¹ que se prolongam no espaço para além da cornija e são rematados por “urnas” ou pináculos de bola, talvez aquilo que Paulo Varela Gomes denominou de “remate barroco”, ob. cit. 1993 -1996, p. 69

⁷² Datada da segunda metade do século XVII, sob o projecto do arquitecto beneditino Frei João Turriano (act. 1629-53) Ibidem, idem

⁷³ João Miguel SIMÕES, *Arte e espiritualidade no convento das flamengas ao Calvário, em Lisboa*, 2002, pp. 35-50.

Para efeitos do nosso estudo foram seguidos estes dados, apertando o horizonte temporal entre 1626⁷⁴ e 1630 e o patrocínio real com arquitecto do reino⁷⁵.

Servas de Nossa Senhora em Borba

Segundo Túlio Espanca trata-se de um convento fundado em 1598, cujo início da construção é em 1604 e a sagração da igreja, *muito próxima dos alvores do 2º terço do século XVII*⁷⁶.

Para efeitos do nosso estudo, considerámos para a conclusão da igreja, a data compreendida entre 1630-1640, sob o patrocínio da Casa de Bragança⁷⁷.

Não sendo especificadas por Túlio Espanca, as razões que o levaram a atribuir-lhe uma grande semelhança com a igreja de N^a S^a da Esperança de Vila Viçosa⁷⁸, não subscrevemos qualquer afinidade com esta igreja, mas sim, com uma outra, St^a Clara de Évora⁷⁹, quanto ao facto de se tratarem das únicas igrejas de conventos de freiras, com duas portas laterais.

Em termos espaciais, integra-se nos últimos exemplos, (St^a Helena do Monte do Calvário, N^a S^a da Quietação de Alcântara), caracterizando-se pela manutenção das soluções formais e construtivas e, da proporcionalidade, apesar do aumento das dimensões.

Dos aspectos-base na definição de um modelo ou de um tipo

Da análise do conjunto das igrejas que formam as preexistências, isto é, das que antecederam a criação da Província dos Algarves, retirámos algumas características que, sendo comuns, são ainda pouco assumidas, embora se

⁷⁴ É João Miguel Simões que cita uma referência documental ao depósito da colocação dos ossos das fundadoras, nos alicerces da nova igreja, quarenta anos após a sua fundação (1586). *Ibidem* p. 38.

⁷⁵ Patrocinado por Filipe I de Portugal, reconstruído por Teodósio Frias, sobre uma primeira construção de Nicolau Frias.

⁷⁶ Túlio ESPANCA, *ob. cit.* 1978, p. 130

⁷⁷ Patrocinado por D. Teodósio II, 7º Duque de Bragança, na construção participou, Manuel Fernandes de Estremoz, mestre-pedreiro

⁷⁸ *O templo, que absorve toda a massa oriental do grande bloco monástico, nitidamente inspirado na igreja da Esperança, de Vila Viçosa, (...)* *Ibidem*, p. 131

⁷⁹ Este aspecto foi igualmente sublinhado por Paulo VARELA GOMES, *op. cit.*, 1993-1996, p. 70.

apresentem já como intencionalidades que constituirão orientações/regras a seguir nos exemplos que as seguiram.

Tratam-se concretamente de características relativas à localização e orientação geográfica do convento, em especial da sua igreja; ao seu papel definidor das dimensões gerais da estrutura conventual; aos seus espaços componentes, no tocante, ao nível da sua organização, forma, dimensões, soluções construtivas e, por fim, à organização da fachada.

Sem nos afastarmos do horizonte cronológico onde surgem os primeiros exemplos – o final da terceira década de quinhentos – há aspectos, favorecidos pela conjuntura socio-cultural de então, que permitiram (apesar da rigidez do contexto religioso em que estes exemplares se inserem) a não aceitação de algumas regras impostas. Referimo-nos concretamente à localização da cabeceira a nascente que, embora equacionada não será uma orientação rígida, sendo preterida face a uma melhor localização urbana, mais central, e de afirmação sobre um espaço nobre – o terreiro ou o largo.

Já relativamente às igrejas propriamente ditas, o rigor vai-se evidenciando desde logo, no dimensionamento da quadra, cuja homogeneidade para os claustros quadrangulares dos primeiros exemplos, permite constatar estarmos perante uma regra só alterada nos finais do XVI, princípios do XVII.

Interessante é, no entanto, de verificar a evolução dos espaços das igrejas. Mantendo uma organização iniciada nos primeiros exemplos – capela-mor; nave única⁸⁰ e dois coros sobrepostos, vai apenas assistir-se a um “disciplinar” das suas dimensões e formas. Assim sendo, as igrejas contêm-se, reduzindo as suas dimensões (talvez na procura de uma maior humanização do espaço - preocupação inerente à época), ao mesmo tempo que apresentam uma maior variedade de formas. A introdução do quadrado na capela-mor, mais tarde substituído pelo rectângulo de menor dimensão no comprimento, é disto prova.

É evidente a intencionalidade de recurso a uma regra, quando constatamos a utilização de medidas iguais (sobretudo para as naves) em diferentes exemplos e de uma proporcionalidade quase que primária.

De soluções construtivas muito idênticas para as naves, (abóbadas nervuradas, abóbadas de berço) e para as capelas-mores (abóbadas nervuradas, abóbadas de berço e cúpulas) diversificam-se para os coros, embora todas elas

⁸⁰ Relativamente aos antecedentes a referir o facto de, Jesus de Setúbal ter uma nave tripla, único exemplo deste tipo.

surjam numa sequência cronológica onde se nos afigura decorrerem mais do aparecimento de novas soluções técnicas e de novos contextos estéticos do que, propriamente, de regras ou programas distintos.

Igual situação cremos verificar-se para o tratamento das fachadas. Constituídas por elementos-chave⁸¹ e por definições pré-estabelecidas⁸², as fachadas vão articular todas estas componentes, simplificando-as nalguns casos, erudizando-as noutros mas, mais uma vez, fazendo-o de forma a obedecer essencialmente a conjunturas técnico-artísticas do momento.

Quanto à forma de encerramento dos espaços constituintes destas igrejas, a “caixa” e a “tampa”, depois dos primeiros exemplos que apresentam alguma complexidade nas soluções adoptadas⁸³, as soluções encontradas também se simplificam, surgindo a “caixa única” para os últimos quatro exemplos⁸⁴, sendo os dois primeiros ainda com cobertura dupla mas o último já com cobertura simples.

Conclusão

Ao longo do nosso trabalho pretendemos identificar o objecto de estudo - *o espaço das igrejas dos conventos das clarissas da Província dos Algarves* - nas variantes que condicionaram a sua produção arquitectónica.

Parte indissociável de uma estrutura – o convento - que como poucas, vive por si, e por si própria é prefigurada, o espaço das igrejas foi analisado no contexto deste, um dos exemplos onde o programa estabelecido pelo utilizador – o nosso cliente-utente, ao impôr uma organização funcional estrita, um despojamento decorativo quase total e, gastos diminutos, determina, de uma forma hermética e, praticamente inalterável ao longo dos tempos, uma estrutura arquitectónica⁸⁵.

⁸¹ O portal; a janela da nave; a janela da capela-mor; ou as frestas do coro

⁸² A marcação central do corpo da nave/coros através da localização do portal; a separação do corpo da capela-mor da restante construção; a utilização de contrafortes; ou a marcação dos pés dos coros através de uma torre-mirante,

⁸³ Referimo-nos concretamente às três “caixas” das Chagas de Vila Viçosa, e à caixa única com separação no corpo da capela-mor de N^a S^a da Assunção de Faro, ambos os casos com soluções de coberturas triplas. N^a S^a de Aracoeli de Alcácer do Sal, embora não sendo dos primeiros exemplos é uma solução também mais elaborada, com duas “caixas” e cobertura também tripla.

⁸⁴ Vejam-se os exemplos de N^a S^a da Esperança de Vila Viçosa, St^a Helena do Monte do Calvário de Évora, N^a S^a da Quietação de Alcântara e Servas de Borba.

⁸⁵ (...) *A menudo la arquitectura obedece a patrones definidos previamente con tal exactitud, que los requerimientos a que debe atender aparecen citados en un esquema formal que, en cierto modo, prefigura el edificio. Tal es el caso de los monasterios de algunas órdenes religiosas en las que la “regla” que rige la vida conventual, se convierte ella misma en regla arquitectónica (...).* Carlos Martí ARÍS, *Las variaciones de la identidad, Ensayo sobre el tipo en arquitectura*, 1993, p. 92

O convento, não projectado globalmente muito pelo contrário, resultado de um processo evolutivo⁸⁶ mantém, no entanto, uma grande identidade⁸⁷, onde é possível identificar coordenadas de concepção, como o claustro – elemento agregador e, a igreja - elemento definidor de frente urbana, fazendo-o, não apenas ao nível formal mas também, quantitativo.

Referimo-nos concretamente, como ambos não só, delimitam e configuram o espaço como também, o dimensionam, facilmente comprovável por uma certa homogeneidade de valores encontrados para a quadra, entre os 21 e os 22 metros, ou seja, aproximadamente os 100 *palmas*⁸⁸ e, para a frente formada pela igreja com o espaço urbano que a confina (o *largo* ou o *terreiro*), cujas dimensões apresentam igualmente, alguma homogeneidade sobretudo, no valor de 131 *palmas* verificado para os primeiros exemplos⁸⁹.

Na sua concepção sem projecto como o entendemos hoje, isto é, sem peças desenhadas ou maquetas é, evidente a presença de directivas que, sendo comuns a todos, originaram melhores ou piores resultados arquitectónicos consoante estamos perante exemplares cuja importância dos patrocinadores permitiu a selecção de autores de qualidade inquestionável e consequentemente o aparecimento de obras que se destacam pelo rigor e qualidade arquitectónica. A comprová-lo, St^a Helena do Monte do Calvário em Évora.

Passando agora ao objecto-igreja, de um conjunto de espaços (capela-mor, nave e coros), já predefinidos nos exemplares antecedentes à criação da Província, organizados segundo a mesma lógica (coros sobrepostos, separados da capela-mor por nave única central) diferindo na forma, segundo as soluções construtivas que vão surgindo cronologicamente (os espaços das capela-mor, inicialmente rectangulares, vão dando origem a quadrangulares quando a cúpula se vai impondo,

⁸⁶ Ao longo do nosso trabalho fomos fazendo referência a uma série de casos onde as fundações dos conventos partem de um conjunto de casas pré-existentes, ou de pequenas construções que vão sendo feitas ao longo do tempo, como tal são processos evolutivos e não temporalmente circunscritos.

⁸⁷ (...) *Difícilmente podia ter mais entidade uma arquitectura feita pouco a pouco, com mestres-de-obra, - sem arquitecto, só reservando este profissional para a igreja e torre e, às vezes para o claustro, - sem uma concepção global prévia.* cfr. Maria Teresa PEREZ CANO *Patrimonio y Ciudad. El sistema de los conventos de clausura en el Centro Histórico de Sevilla*, 1999, p. 242

⁸⁸ Relativamente aos antecedentes: Jesus de Setúbal (N^a S^a da Conceição de Beja e Madre de Deus de Xabregas, pelas alterações que sofreram não foram medidos). No tocante às construções pós Província dos Algarves: Chagas de Vila Viçosa, N^a S^a de Assunção de Faro, N^a S^a de Aracoeli de Alcácer do Sal.

⁸⁹ Chagas de Vila Viçosa, N^a S^a de Assunção de Faro (medida interior) e St^a Helena do Monte do Calvário de Évora

retomando-se mais tarde, os espaços rectangulares, embora com outra configuração⁹⁰), podemos adiantar que, estas igrejas vão constituir-se como “fórmulas” que naturalmente vão originar *séries*.

Para além destas questões formais, a constatação da medida de *30 palmos*, utilizada para a largura das naves da maioria das igrejas⁹¹, largura essa que vai originar comprimentos aproximadamente duplos ($c=2l$ ou $2,3l$), parece constituir-se igualmente como uma *regra*.

Neste sentido cremos estar assim perante *regras* de carácter formal⁹² que indicam o modo como se constituem e organizam os espaços interiores, *regras* essas, devidamente complementadas por outras de ordem aritmética e geométrica⁹³ que permitem configurá-lo.

Encontrada a dimensão, proporcionalidade, forma, inter-relação, e soluções construtivas adequadas (aquilo que poderemos chamar o *léxico normativo*), o *modelo* (aqui modelo enquanto objecto original que se repete e não enquanto obra exemplar) estava criado e, como tal, poderia ser repetido as vezes necessárias⁹⁴.

A confirmá-lo, os primeiros exemplos do nosso universo de estudo – Chagas de Vila Viçosa, N^a S^a de Assunção de Faro, N^a S^a da Esperança de Vila Viçosa (esta com pequenas variações ao nível sobretudo das dimensões) e St^a Helena do Monte do Calvário de Évora – onde, a partir de um *modelo* introduzido nas Chagas em Vila Viçosa, é evidente o aparecimento de uma *série*, com praticamente a mesma organização espacial, dimensões e soluções construtivas, verificada até à construção de St^a Helena do Monte do Calvário⁹⁵ em Évora.

⁹⁰ As capelas mor voltam a ser rectangulares mas, a agora a sua maior dimensão é a largura, contrariamente ao que se passava anteriormente, onde o comprimento era a maior dimensão.

⁹¹ Chagas de Vila Viçosa, N^a S^a da Assunção de Faro, N^a S^a da Esperança de Vila Viçosa, St^a Helena do Monte do Calvário de Évora.

⁹² Relativamente à forma, utilização sistemática do rectângulo (nas naves e capelas-mores da primeira e última fase) e do quadrado (nas capelas-mores); no tocante aos sistemas construtivos, utilização sistemática das abóbadas de berço e das cúpulas, após a utilização pontual de abóbadas de nervuras.

⁹³ Relativamente ao dimensionamento – generalização dos 30 palmos de largura e posteriormente dos 35/36 palmos, para as naves, que vão ditar uma proporcionalidade de $c = 2$ ou $2,3 l$.

⁹⁴ *Quando os problemas deixam de suscitar uma atenção activa e deixam de merecer novas soluções, a sequência de soluções mostra-se estável durante o período de inacção.* cfr. George KUBLER, *A forma do tempo, Observações sobre a história dos objectos*, 1990, p. 55

⁹⁵ Exceptua-se o caso das abóbadas de nervuras das Chagas de Vila Viçosa, único exemplo que mantém esta solução *tardia*, e, a abóbada de berço da capela-mor de Sta Helena do Monte do Calvário, que antecipa as novas soluções construtivas.

Chegados a St^a Helena do Monte do Calvário, que pelas razões já apresentadas denominámos *exemplar charneira*⁹⁶, assistimos à mudança de alguns aspectos formais e construtivos que originarão o aparecimento de uma nova série.

Esta nova série vai constituir-se a partir de uma espacialidade conseguida pela introdução de capelas-mores rectangulares, de pequena profundidade, cobertas por abóbada de berço no prolongamento da das naves, separadas por arcos triunfais de grande amplitude e conseqüentemente de pequena expressão - N^a S^a da Quietação de Alcântara e Servas de Borba. À margem deste conjunto das igrejas desta segunda série, surge-nos N^a S^a de Aracoeli, extemporânea nas dimensões (demasiado grandes para se incluir na primeira série) e soluções formais (demasiado tardias para se incluir na segunda série)⁹⁷.

A identificação destas duas séries em nosso entender, encadeadas, parece dizer que estamos perante uma *sequência* formal delas decorrente, onde a obra original da primeira (o *modelo*), poderá ser atribuída às Chagas de Vila Viçosa⁹⁸, e a da segunda, ao nosso *exemplar charneira* St^a Helena do Monte do Calvário em Évora, onde é notoriamente introduzida uma nova espacialidade, conseguida através do recurso a novas soluções construtivas.

Pela nossa cronologia, arriscaríamos a dizer que na origem desta *sequência* parece estar mais a evolução da forma de fazer arquitectura, decorrente das linguagens e técnicas em uso, do que propriamente de outras orientações específicas do nosso *cliente-utente* ou mesmo do autor, quando ele existe.

Mais precisamente, a *sequência* enquanto forma de agrupar séries, terá resultado assim, das transformações decorrentes da introdução de novas soluções estéticas (abandono de abóbadas de nervuras, utilização da cúpula e abóbadas de berço), aliadas eventualmente a novas orientações litúrgicas (abertura do arco triunfal, redimensionamento e desnível do pavimento das capelas-mores).

Quanto ao *tipo*, e sabendo-se que historicamente o problema do tipo e da tipologia é do século XIX, aceitamo-lo como um exercício feito à posteriori e como

⁹⁶ É este exemplo em que se verifica a coexistência de uma organização espacial e um proporcionalidade da primeira série, com uma linguagem formal e construtiva já evidenciando o aparecimento de uma nova série.

⁹⁷ Apresentando dimensões fora do contexto cronológico em que surge, adopta soluções construtivas – a cúpula para a capela mor – anteriores às verificadas na época em que surge.

⁹⁸ Na ordenação dos exemplos estudados, as datas de construção das igrejas foram fundamentais para o estabelecimento de uma cronologia. A questão da obra original deverá ser aprofundada, podendo para tal, proceder-se a uma análise comparativa com outros exemplares semelhantes, embora de outras ordens, ou de outras regiões, nomeadamente o caso já referido de Bragança, onde a presença do mesmo patrocinador pode ter determinado em absoluto a solução arquitectónica.

tal, não interveniente na origem da concepção destes espaços mas sim no seu entendimento e estudo.

Ao pressupor *um processo de abstracção a partir do qual, uma série de objectos diversos entre si podem manifestar uma raiz comum*⁹⁹, fundamental na descrição de uma estrutura formal¹⁰⁰, permite identificar como *características tipológicas* destas peças arquitectónicas – *as igrejas de conventos de freiras clarissas da Província dos Algarves*:

- Localização em meio urbano, normalmente intra-muros, formando frentes urbanas com espaços principais (praças, eixos estruturantes, especialmente junto às portas da cidade),
- Orientação sobretudo por questões urbanas e não geográficas, não se verificando sempre, a colocação da capela-mor a nascente.
- Constituídas por um conjunto de espaços - capela-mor, nave e coros, organizados segundo a mesma lógica - coros sobrepostos, separados da capela-mor por nave única central
- Utilização da forma rectangular para todos os espaços, à excepção das capelas-mores quando a solução da cobertura é a cúpula. Nestes espaços, a forma rectangular apresenta uma alternativa, quando a maior dimensão passa a ser a largura, situação verificada para as capelas-mores, cronologicamente situadas a partir da década de 1570¹⁰¹.
- Adopção de uma largura de 30 palmos, que por sua vez, vai ditar o comprimento, numa proporção de 2 e 2,3 vezes, até à década de 1570, a partir da qual surge a largura de 35/36 palmos, mantendo, no entanto, a proporcionalidade.
- Utilização como soluções construtivas para as coberturas: as abóbadas de nervuras, cúpulas e, abóbadas de berço.
- Fachadas de grande contenção na linguagem formal, na maioria dos casos composta por portal central, em relação a um corpo

⁹⁹ Carlos Martí ARÍS, ob. cit. 1993, p. 104

¹⁰⁰ (...) *Los tipos arquitectónicos son creados por nosotros y surgen de nuestro esfuerzo por haver reconocible, intelegible, la estructura profunda del mundo material. El hombre conduce esa exploración en muy diversos frentes y siempre con sus propios medios racionales. Para ello debe crear herramientas, teorías, criterios de ordenación, que luego plasma en todas sus producciones intelectuales, entre ellas la arquitectura.*

El tipo es una de esas herramientas. Es el producto del trabajo humano por comprender la realidad y dotarla de un orden a través de la arquitectura. Ibidem, p. 26

¹⁰¹ Exceptua-se o caso inexplicável de N^a S^a de Aracoeli de Alcacer do Sal e N^a S^a da Quietação de Alcântara, que embora rectangular e com uma solução de abobada de berço, é rectangular ao comprido.

mais ou menos individualizado da igreja¹⁰²; dois vãos significativos (janela da nave e janela da capela-mor); frestas nos coros-altos e; excepcionalmente, contrafortes¹⁰³.

Pensamos que esta identificação tenha contribuído para descodificar elementos considerados como estáveis e constantes neste objecto arquitectónico, cuja *espacialidade mínima* e “desornamentação”, se insere totalmente numa arquitectura como a portuguesa onde, desde sempre, qualquer “desornamentação” é um factor consciente e assumido como forma própria de reinterpretar modelos.

Por último, fizemo-lo conscientes de que, (...) *Toda a formulação científica constitui um acto criativo, comporta uma interpretação e exige uma tomada de posição pessoal a partir da qual os dados e as observações formam um preciso relevo e significado*¹⁰⁴.

¹⁰² Podendo ser só da nave e coros quando a capela-mor se destaca

¹⁰³ Nas Chagas de Vila Viçosa e com funções de composição, em Stª Helena do Monte do Calvário de Évora.

¹⁰⁴ Carlos Martí ARÍS, ob. cit., 1993, p. 29 – tradução da autora

Fontes e Bibliografia

Ordem de Santa Clara

BELEM, Jerónimo de - *Chronica Seráfica da Santa Província dos Algarves da Regular Observância*, T I, Livro I, *Origem e Progressos desta Santa Província*, Lisboa: Ignácio Rodrigues, 1750 – 1758

LOPES, Fernando Félix, OFM - *Colectânea de Estudos de História e Literatura, Vol I, fontes Históricas e Bibliografia Franciscana Portuguesa*, e; *Vol II, A Ordem franciscana na História e Cultura Portuguesa*, Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1997a; 1997b

SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, PINA, Isabel Castro, ANDRADE, Maria Filomena, SANTOS, Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva, *Ordens Religiosas em Portugal – das origens a Trento – Guia Histórico*, Lisboa: Livros Horizonte, 2005

Catálogos e documentos:

Situação dos edifícios de institutos religiosos ao serviço do Estado e das Corporações – Vol II – Conventos de Freiras – Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, 1941

História da Arquitectura

ARGAN, Giulio Carlo; FAGIOLO, Maurizio *Guia de História da Arte*, Lisboa: Editorial Estampa, 1994

ARÍS, Carlos Martí, *Las variaciones de la identidad, Ensayo sobre el tipo en arquitectura*, Barcelona: Ediciones del Serbal, 1993

BENEVOLO, Leonardo, *Historia de la arquitectura moderna*, Barcelona: Gustavo Gili, 1999

HORTA CORREIA, José Eduardo, *Arquitectura Portuguesa – Renascimento, Maneirismo, Estilo Chão*, Lisboa: Editorial Presença, 2002

KUBLER, George, *A Arquitectura Portuguesa Chã, Entre as Especiarias e os Diamantes 1521-1706*, Lisboa: Vega, 1988

KUBLER, George, *A forma do tempo, Observações sobre a história dos objectos*, Lisboa: Vega, 1990

PALESTINI, Caterina, *Las investigaciones sobre proporciones para el control formal de la arquitectura*, Actas del Tercer Congreso nacional de Historia de la Construcción, Sevilla, 2000, pp.771-778

PEREIRA, Paulo, *A “traça” como Único Princípio, Reflexão acerca da permanência do Gótico na Cultura Arquitectónica dos séculos XVI e XVII*, Estudos de Arte e História – Homenagem a Artur Nobre de Gusmão, Mafra, Veja, 1995a, pp. 190-199

PURINI, Franco, *Compor a Arquitectura*, 2009

QUARONI, Ludovico, *Projectar un edificio. Ocho lecciones de Arquitectura*, Madrid, 1987

TÁVORA, Fernando – *Da Organização do Espaço*, Porto: FAUP, 2004

VARELA GOMES, Paulo, *Arquitectura não alinhada*, JORNAL DOS ARQUITECTOS, 200, Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1990

VARELA GOMES, Paulo, *Arquitectura, Religião e Política em Portugal no século XVII, A planta centralizada*, Porto: FAUP publicações, 2001a

VARELA GOMES, Paulo, *Aspectos do Classicismo na Arquitectura Portuguesa dos séculos XVI e XVII*, Anais do VI Colóquio Luso Brasileiro de História da Arte, Vol II, Rio de Janeiro: 2004

Arquitectura religiosa

HORTA CORREIA, José Eduardo, *A arquitectura religiosa do Algarve de 1520 a 1600*, Lisboa, Publicações Ciência e Vida, 1987

MARADO, Catarina A, *Antigos Conventos do Algarve, um percurso pelo património da Região*, Lisboa: Edições Colibri, 2006

PÉREZ CANO, Maria Teresa, M. *Patrimonio y Ciudad. El sistema de los conventos de clausura en el Centro Histórico de Sevilla*, 2ª ed. Sevilla: FUNDACIÓN Focus-Abengoa, Universidad de Sevilla, 1999.

PÉREZ DEL PRADO, Mercedes, *La Iglesia Mínima, El espacio en los templos de las clausuras conventuales sevillanas* Sevilla: Diputación de Sevilla, 2000

URBANO, Luis, *A Arquitectura dos Conventos Femininos: correntes de investigação*, MURPHY, 1, Coimbra: Universidade, 2006

VARELA GOMES, Paulo, *Igrejas de Conventos de Freiras na Arquitectura Portuguesa*, Actas do II Colóquio Luso Brasileiro de História de Arte, Ouro Preto (1993/96) – Volume O Barroco

VARELA GOMES, Paulo, *A Arquitectura de mulheres, mundo de homens, intervenções da DGEMN em edifícios de mosteiros femininos extintos (1930-1999)*, Catálogo da Exposição Os Caminhos do Património DGEMN 1929, Lisboa: 1999

VARELA GOMES, Paulo, *As Igrejas Conventuais de Freiras Carmelitas Descalças em Portugal e algumas notas sobre Arquitectura de Igrejas de Freiras*, Separata MUSEU, 9, Lisboa: 2000

VARELA GOMES, Paulo, *A fachada pseudo-frontal nas igrejas monásticas femininas portuguesas*, em A conversa à volta dos conventos, dir Virginia Fróis, Évora: Casa do Sul, 2002, pp. 229-242

Convento de Nossa Senhora da Conceição – Beja

BORRELA, Leonel, *Beja – Real Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição*, Arquivo de Beja (1976-86), VII, 2ª série, Beja 1986

ESPANCA, Túlio, *Distrito de Beja, Concelhos de Alvito, Beja, Cuba, Ferreira do Alentejo e Vidigueira*, em *Inventário Artístico de Portugal*, XII, Lisboa: ANBA, 1992

PEREIRA, Paulo, *Do “modo” gótico ao manuelino (séculos XV-XVI) – as grandes edificações*, em *História da Arte Portuguesa*, Direcção Paulo Pereira, vol II, Lisboa: Circulo dos Leitores, 1995b, pp. 47,51

VIEIRA da SILVA, José Custódio, *O tardo-gótico em Portugal – a arquitectura no Alentejo* – Lisboa; Livros Horizonte, 1989, pp.51,57

Convento de Jesus – Setúbal

PEREIRA, Paulo, *Do “modo” gótico ao manuelino (séculos XV-XVI) – as grandes edificações*, em *História da Arte Portuguesa*, Direcção Paulo Pereira, vol II, Lisboa: Circulo dos Leitores, 1995b, pp. 47,51

PORTELLA, M.M., *Noticia dos Monumentos Nacionaes e Edifícios Notáveis do Concelho de Setúbal*, Lisboa: 1882

SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, PINA, Isabel Castro, ANDRADE, Maria Filomena, SANTOS, Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva, *Ordens Religiosas em Portugal – das origens a Trento – Guia Histórico*, Lisboa: Livros Horizonte, 2005

VIEIRA DA SILVA, José Custódio, *Para a história da igreja e convento de Jesus de Setúbal I e II*, Património, nº 2 e 3, Setúbal: SALPA, 1984 e 1985

Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, nº 47 – *A Igreja do Mosteiro de Jesus de Setúbal*, 1947

Convento da Madre de Deus – Xabregas, Lisboa

BELEM, Jerónimo de - *Chronica Seráfica da Santa Província dos Algarves da Regular Observância*, T III, Livro XIII, *Origem, fundação, e progressos do Real Mosteiro da Madre de Deos de Xabregas*, Lisboa: Ignácio Rodrigues, 1750 – 1758

CAMPOS, Teresa e PAIS, Alexandre, *O Convento da Madre de Deus. Interiores*. As colecções do Museu Nacional do Azulejo (dir) João Castel-Branco Pereira, Lisboa: IPM/Zwemmer Publishers limited, 1995 pp. 16-25

LACERDA, Aarão de – *Portugal – A arte: os monumentos: a paisagem: os costumes: as curiosidades. Lisboa – A Madre de Deus*, Lisboa: Portucalense Editora Barcelos

PEREIRA, Luís Gonzaga, *Monumentos Sacros de Lisboa em 1883*, Lisboa: Gráfica da Biblioteca Nacional, 1927, pp. 329-332

SABUGOSA, Conde de – *A rainha D. Leonor 1458-1525*, Lisboa: Livraria Sam Carlos, 1974

SOROMENHO, Miguel *O Convento da Madre de Deus. O edifício*. As colecções do Museu Nacional do Azulejo (dir) João Castel-Branco Pereira, Lisboa: IPM/Zwemmer Publishers limited, 1995 pp. 9-15

Convento das Chagas de Cristo – Vila Viçosa

CAETANO, Joaquim de Oliveira, *A Fundação do Convento das Chagas*, MONUMENTOS, 6, Lisboa: DGEMN, 1997

ESPANCA, Túlio, *Mosteiros de Vila Viçosa*, in *A Cidade de Évora*, nº53/54, Boletim da Comissão Municipal de Turismo, Jan/Dez 1970-71

ESPANCA, Túlio, *Distrito de Évora, Concelho de Vila Viçosa*, in *Inventário Artístico de Portugal*, IX, Lisboa:ANBA,1978

RAMALHO, Margarida, *Real Convento das Chagas, Pousada D. João IV*, Lisboa: ENATUR Pousadas de Portugal, 1996

“Museu Biblioteca de Vila Viçosa”, *Sant’Anna Dionísio – Fundação Casa de Bragança 1947*

Convento de Nossa Senhora da Assunção – Faro

BELEM, Jerónimo de - *Chronica Seráfica da Santa Província dos Algarves da Regular Observância, T IV, Livro XX*, Comprehende as Fundações de dous Conventos de Frades, e tres Mosteiros de Freiras, Lisboa: *Ignácio Rodrigues, 1750 –1758*

HORTA CORREIA, José Eduardo, *A Arquitectura Religiosa do Algarve de 1520 a 1600*, Lisboa: Publicações Ciência e Vida, 1987

LAMEIRA, Francisco, Faro. *A arte na história da Cidade*, CMF, Faro, 1999

MARQUES, João Alberto de Carvalho, *O Convento de Nossa Senhora da Assunção em Faro*, in *Cadernos de História de Arte*, I, Lisboa, 1991

PAULA, Rui Mendes, PAULA, Frederico Mendes, Faro. *Evolução Urbana e Património*, ed. da Câmara Municipal de Faro, 1993

PAULO, Dália, *Fábrica da Cerveja Portugália e Convento de Freiras, estudo dos edifícios e projecto de adaptação a museu*, MONUMENTOS, 24 Lisboa: DGEMN, 2006

Convento de Nossa Senhora da Esperança – Vila Viçosa

ESPANCA, Túlio, *Mosteiros de Vila Viçosa*, in *A Cidade de Évora*, nº53/54

ESPANCA, Túlio, *Distrito de Évora, Concelho de Vila Viçosa*, in *Inventário Artístico de Portugal*, IX, SNBA, 1978

“Museu Biblioteca de Vila Viçosa”, *Sant’Anna Dionísio* – Fundação Casa de Bragança 1947

Convento de Santa Helena do Monte do Calvário – Évora

BARATA, António Francisco, *Breve Notícia do Mosteiro de Santa Helena do Monte do Calvário em Évora*, Évora: 1899

DAVID, Celestino, *A Cidade de Évora*, Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora nº1, Dez. 1942

ESPANCA, Túlio, *Distrito de Évora, Concelho de Évora*, in *Inventário Artístico de Portugal*, vol. VII, SNBA, Lisboa 1966

PINTO, Carla Alferes, *A Infanta Dona Maria de Portugal (1521-1577). O mecenato de uma princesa renascentista*, Lisboa: Fundação Oriente, 1998

Convento de Nossa Senhora de Aracoeli – Alcácer do Sal

CORREIA, Vergílio, *Alcácer do Sal, esboço de uma monografia*, Coimbra: Biblos, 6 1930, pp. 40-59

RAMALHO, Margarida, *O Castelo e o Convento*, in *Pousada D. Afonso II*, Lisboa: ENATUR Pousadas de Portugal, 1996

VIANA, Abel, *Notas Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo*, Beja: Arquivo de Beja 5, 1948,

**Convento de Nossa Senhora da Quietação ou das Flamengas – Alcântara,
Lisboa**

ATAÍDE, M. Maia, (dir. de), *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, Lisboa, Tomo III, Lisboa, 1988

ARAÚJO, Norberto de, *Peregrinações em Lisboa*, Livro 9, Lisboa, s.d.

BRITO, José Joaquim Gomes de, *Quatro Cartas ao Director sobre a História do Convento das Flamengas*, in *Comércio de Portugal*, nº 2259, 2265, 2280 e 2298

BRITO, José Joaquim Gomes de, *Convento das Flamengas em Alcântara. Os Arquitectos Frias*, *Revista de Archeologia*, Vols. II e III, Lisboa, 1888 – 1889

CAEIRO, Baltazar Matos, *Os Conventos de Lisboa*, Lisboa, 1989

PEREIRA, Luís Gonzaga, *Monumentos Sacros de Lisboa em 1883*, Lisboa: Gráfica da Biblioteca Nacional, 1927

PORTUGAL, Fernando, MATOS, Alfredo de, *Lisboa em 1758. Memórias Paroquiais de Lisboa*, Lisboa, 1974

SOUTO, António de Azevedo Meyrelles do, *Uma Relíquia Setecentista em Vias de Desaparecer*, in *Olisipo*, Ano XXVI, Nº102, Abr. 1963

SIMÕES, João Miguel, *Arte e espiritualidade no convento das flamengas ao Calvário*, em *A conversa à volta dos conventos*, dir Virginia Fróis, Évora: Casa do Sul, 2002, pp. 35-50

Convento das Servas – Borba

ANSELMO, Pe António Joaquim, *O Concelho de Borba – Topografia e História*, Borba, 1907

ESPANCA, Túlio, *Real Convento das Servas de Cristo*, em *A Cidade de Évora*, nº 58, Boletim da Comissão Municipal de Turismo, Jan/Dez 1975 pp. 223-240

ESPANCA, Túlio, *Distrito de Évora, Concelhos de Alandroal, Borba, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Viana do Alentejo e Vila Viçosa*, em *Inventário Artístico de Portugal*, vol 1, IX, SNBA, 1978, pp. 129-136

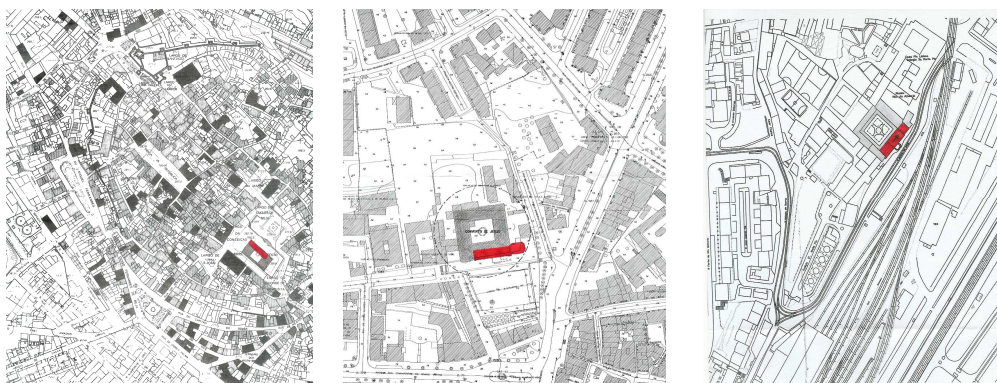
**Quadro 1 – CONVENTOS DE CLARISSAS ANTERIORES À CRIAÇÃO DA
PROVÍNCIA DOS ALGARVES**

Localização, orientação geográfica e confrontações

identificação	Cidade	espaço confinante	muralhas	igreja/convento	Capela-mor
N^a S^a da Conceição Beja		Praça (antigo terreiro)	Interior à 1 ^a linha/junto às Portas de Mértola	Norte	Nascente
Jesus Setúbal		Praça (antigo terreiro)		Sul	Nascente
Madre de Deus Xabregas, Lisboa		Eixo principal		Sul	Nascente

Figura 1 CONVENTOS DE CLARISSAS ANTERIORES À PROVÍNCIA DOS ALGARVES



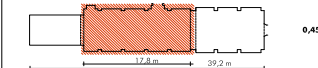
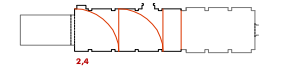
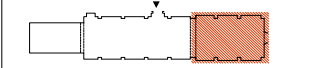

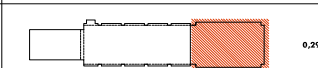


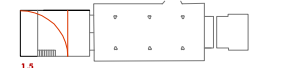
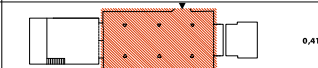
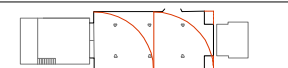
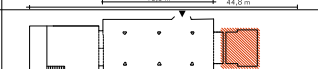
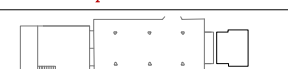
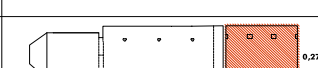

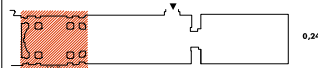

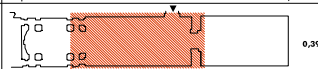
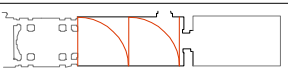

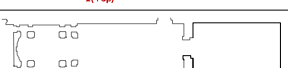

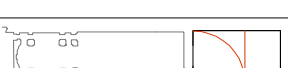
O convento em relação à cidade; a igreja em relação à cidade e ao convento



- 1 - Nª Sª da Conceição em Beja
- 2 - Jesus em Setúbal
- 3 - Madre de Deus em Xabregas

Figura 2 IGREJAS DOS CONVENTOS DE CLARISSAS ANTERIORES À PROVÍNCIA DOS ALGARVES

Espaços e proporções

Convento . Igreja	Relação de cada espaço face ao total da Igreja	A largura face ao comprimento
N ^o 5 ^a da Conceição de Beja	capela -mor  0.22	 1,6
	nave  0.45	 2,4
	coro baixo 	
	coro alto  0.29	 1,5
Jesus de Setúbal	capela -mor  0.26	 1,5
	nave  0.41	 2
	coro baixo 	
	coro alto  0.27	 1,2
Madre de Deus de Xabregas	capela -mor  0.24	 1,2
	nave  0.39	 2(+3p)
	coro baixo 	
	coro alto  0.32	 1,7(+1p)

Quadro 2 – CONVENTOS DE CLARISSAS ANTERIORES À CRIAÇÃO DA PROVÍNCIA DOS ALGARVES

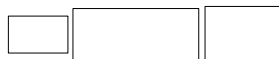
Elementos que integram as fachadas das igrejas

identificação	Portal	Janela nave	Janela Capela-mor	Frestas coro-alto	Outros elementos
Nº Sª da Conceição Beja	X	Janela recentemente introduzida	Janela recentemente introduzida	Janelas recentemente introduzidas	Platibanda rendilhada e pináculos; Cunhais em silharia
Jesus Setúbal	X	x	x	x	Contrafortes em silharia Cunhal em silharia Corpo da capela mor individualizado
Madre de Deus Xabregas, Lisboa	X	Janelas recentemente introduzidas	Janelas recentemente introduzidas	Janelas recentemente introduzidas	Platibanda rendilhada e pináculos Cunhal em silharia

Figura 3 IGREJAS DOS CONVENTOS DE CLARISSAS ANTERIORES À PROVÍNCIA DOS ALGARVES

A cobertura – a “tampa”

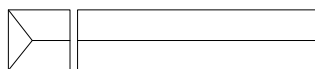
Nº Sª da Conceição de Beja



Jesus de Setúbal



Madre de Deus de Xabregas



**Quadro 3 – OS CONVENTOS DE CLARISSAS POSTERIORES À CRIAÇÃO DA
PROVÍNCIA DOS ALGARVES**

Localização, orientações geográficas e confrontações

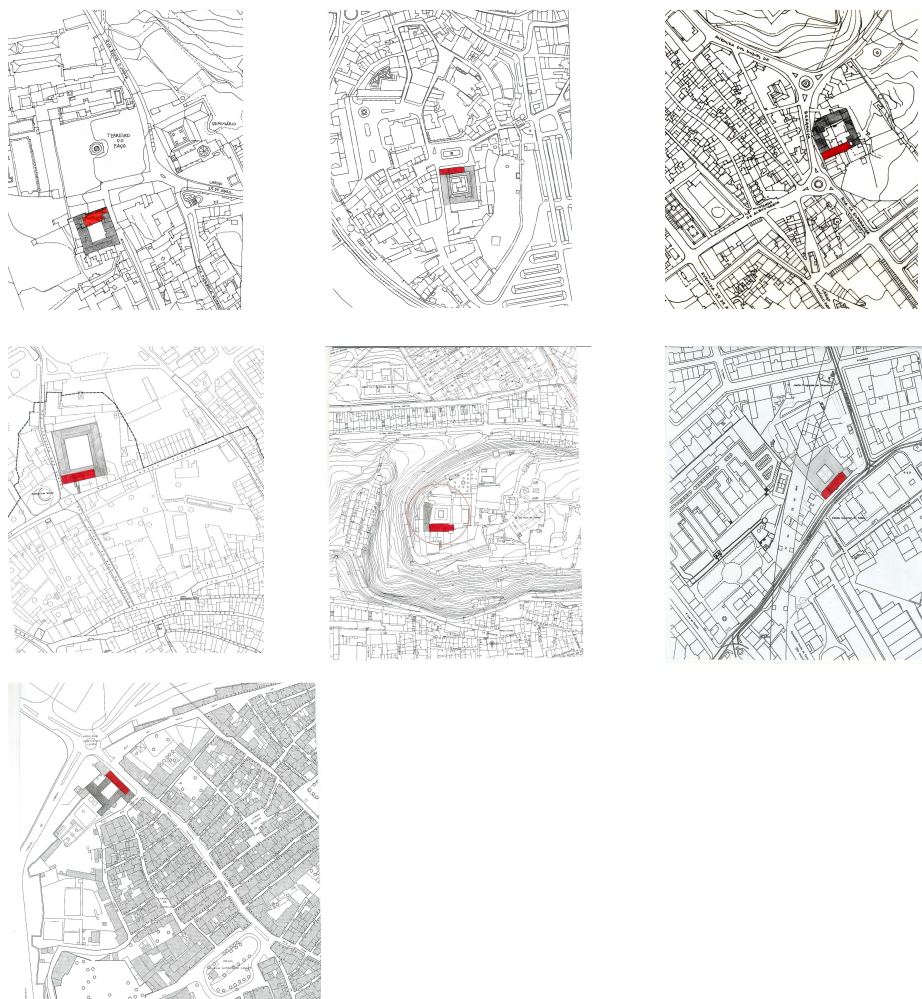
identificação	cidade	espaço confinante	muralhas	igreja/convento	capela-mor
Chagas Vila Viçosa	Noroeste	Praça (antigo terreiro)		Norte	Nascente
N^a S^a Assunção Faro	Sudeste	Praça (antigo terreiro)	Interior à 1 ^a linha/junto à Porta do Repouso	Norte	Nascente
N^a S^a Esperança Vila Viçosa	Sudeste	Logradouro		Sul	Poente
St^a Helena do Monte do Calvário Évora	Noroeste Norte	Rua	Interior à Cerca Nova/junto à Porta da Lagoa	Nascente	Norte
N^a S^a Aracoeli Alcácer do Sal	Sudoeste	Espaço livre / antigo terreiro	Interior/junto a porta	Sul	Nascente
N^a S^a Quietação Alcântara	Sudoeste	Rua		Sul	Nascente
Servas Borba	Noroeste Norte	Rua/terreiro		Sul	Poente

Quadro 4 – AS IGREJAS DOS CONVENTOS DE CLARISSAS POSTERIORES À CRIAÇÃO DA PROVÍNCIA DOS ALGARVES
Elementos que integram a fachada

identificação	portal	Janela nave	Janela capelamor	Frestas coro-alto	Outros elementos
Chagas Vila Viçosa	x	x	x	x	Contrafortes em silharia a ladear portal Cunhal em silharia
N^a S^a Assunção Faro	x	x	x	x	-
N^a S^a Esperança Vila Viçosa	x	x muito pequena e sem qualquer decoração	x	x	-
St^a Helena do Monte do Calvário Évora	x	x integrada no alçado	x integrada no alçado	x integrada no alçado	Contrafortes em silharia
N^a S^a Aracoeli Alcácer do Sal	x	x sem qualquer decoração	x	x	Platibanda com contrafortes
N^a S^a Quietação Alcântara	x	x várias, sem qualquer decoração	x várias, sem qualquer decoração	x janelas, sem qualquer decoração	-
Servas Borba	Duplo, encimado por dois janelões	x janelas sobre o duplo portal	x	x janelas, sem qualquer decoração	Cunhais em silharia

**Fig. 4 – OS CONVENTOS DE CLARISSAS POSTERIORES À CRIAÇÃO DA
PROVÍNCIA DOS ALGARVES**

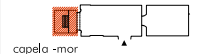

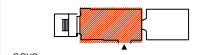




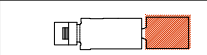

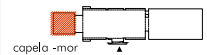

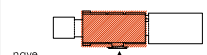


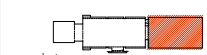

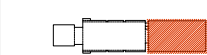

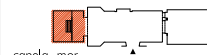

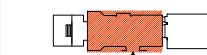






O convento em relação à cidade; a igreja em relação à cidade e ao convento



1-Chagas de Cristo de Vila Viçosa; 2–N^a S^a da Assunção de Faro; 3–N^a S^a da Esperança de Vila Viçosa; 4–Servas de N^a S^a de Borba; 5–N^a S^a de Aracoeli de Alcácer do Sal; 6–N^a S^a da Quietação de Alcântara; 7–St^a Helena do Monte do Calvário.

Figura 5 OS CONVENTOS DE CLARISSAS POSTERIORES À CRIAÇÃO DA PROVÍNCIA DOS ALGARVES

Espaços, dimensões; estrutura da cobertura

Convento . Igreja	Localização	Planta (dimensões)	Corte (dimensões)	Estrutura da cobertura
Chagas de Vila Viçosa	capela -mor	 21 1/2 p 21 1/2 p		
	nave	 59 1/2 p 46 1/2 p	 46 1/2 p	
	coro baixo	 40 1/2 p 29 1/2 p		
	coro alto	 40 1/2 p 29 1/2 p		
Nª Sª da Assunção de Faro	capela -mor	 20 1/2 p 20 1/2 p		
	nave	 50 1/2 p 32 p	 32 p	
	coro baixo	 50 p 29 1/2 p		
	coro alto	 50 p 29 p		
Nª Sª da Esperança de Vila Viçosa	capela -mor	 29 p 29 p		
	nave	 72 1/2 p 32 p	 32 p	
	coro baixo	 44 1/2 p 32 p		
	coro alto	 44 p 29 1/2 p		

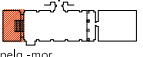

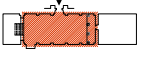




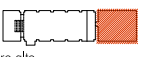






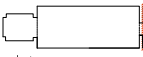
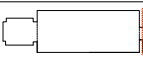
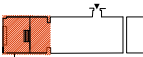

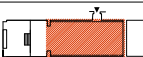



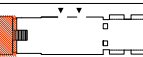

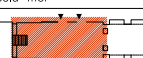


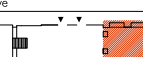

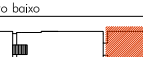
Convento . Igreja	Localização	Planta (dimensões)	Corte (dimensões)	Estrutura da cobertura
S ^{ta} Helena do Monte do Calvário de Évora	capela -mor			
	nave			
	coro baixo			
	coro alto			
N ^{ra} S ^{ra} de Arocoeli de Alcácer do Sal	capela -mor			
	nave			
	coro baixo			
	coro alto			
N ^{ra} S ^{ra} da Quietação de Alcântara	capela -mor			
	nave			
	coro baixo			
	coro alto			
S ^{ra} de Borba	capela -mor			
	nave			
	coro baixo			
	coro alto			

Figura 6 OS CONVENTOS DE CLARISSAS POSTERIORES À CRIAÇÃO DA PROVÍNCIA DOS ALGARVES
 Proporcionalidade face à largura

	A largura face ao comprimento		A largura face ao comprimento
Chagas de Vila Viçosa		S ^{ta} Helena do Monte do Calvário de Évora	
capela -mor			
nave			
coro baixo			
coro alto			
		N.ª S.ª de Arocaeli de Alcácer do Sal	
capela -mor			
nave			
coro baixo			
coro alto			
N.ª S.ª da Esperança de Vila Viçosa		N.ª S.ª da Quietação de Alcântara	
capela -mor			
nave			
coro baixo			
coro alto			
Convento . Igreja	A largura face ao comprimento		
Servas de Borba			

**Figura 7 OS CONVENTOS DE CLARISSAS POSTERIORES À CRIAÇÃO DA
PROVINCIA DOS ALGARVES**
A cobertura – a “tampa”

Chagas de Vila Viçosa



N.º S.ª da Assunção de Faro



N.º S.ª da Esperança de
Vila Viçosa



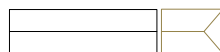
S.ª Helena do Monte do
Calvário de Évora



N.º S.ª de Aracoeli de
Alcácer do Sal



N.º S.ª da Quietação de
Alcântara



Servas de Borba

